



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

ROMÃO DE FREITAS SILVA

**OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA PERANTE OS DISCURSOS
MACHISTAS EM *POSTS* DO *INSTAGRAM***

PATU
2019

ROMÃO DE FREITAS SILVA

**OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA PERANTE OS DISCURSOS
MACHISTAS EM *POSTS* DO *INSTAGRAM***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

ORIENTADORA: Prof.^a. Ma. Luciana
Fernandes Nery

PATU
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586m Silva, Romão de Freitas

Os modos de subjetivação feminina perante os discursos machistas em posts do Instagram. / Romão de Freitas Silva. - Patu, 2019.

57p.

Orientador(a): Profa. M^a. Luciana Fernandes Nery.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Subjetivação feminina. 2. Discurso machista. 3. Instagram. 4. Dispositivo midiático. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ROMÃO DE FREITAS SILVA

**OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA PERANTE OS DISCURSOS
MACHISTAS EM *POSTS* DO *INSTAGRAM***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Aprovado em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Luciana Fernandes Nery
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

Prof Dr. Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal do Semi-árido - UFERSA

Prof.^a Ma. Aline Almeida Inhoti
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

Dedico o presente trabalho, primeiramente, à Deus, a minha família, aos mestres e amigos que de alguma forma sempre estiveram ao meu lado durante essa trajetória.

Obrigado!

AGRADECIMENTOS

Por conseguir realizar este trabalho, devo agradecer imensamente à Deus, pois me encorajou até aqui e tenho certeza que continuará me encorajando nas próximas etapas. Agradeço também as mulheres da minha vida: PRINCIPALMENTE a Edilene, minha amada esposa, que SEMPRE me apoiou, as minhas filhas Rillary Yasmim e a pequena Nicolly Sophie. Não posso esquecer da minha mãe, Maria do Carmo, exemplo de ser humano e de mulher, reflexo de luta e coragem, dentre essas mulheres, é meu dever, também mencionar minhas irmãs Ana Beatriz e Ligiane, bem como minha tia Izabel e minha sogra Helena! Foi por elas que decidi rever minhas práticas enquanto homem (filho, esposo, pai, irmão e etc.) e me aventurar em investigar a força feminina que luta e resiste perante os sistemas impositivos de culturas machistas na sociedade, isso na condição de discutir dias melhores para elas e para as mulheres em geral. Agradeço também ao meu pai Francisco das Chagas, ao meu irmão Cícero e, especialmente, ao meu avô Irineu Pedro, como eu o chamo carinhosamente “Pagé”, pelas lições e ensinamentos. Enfim, obrigado Família!

Sou felizado por ser rodeado de bons amigos, aqui citarei e agradecerei aqueles que estiveram mais próximos durante a minha caminhada acadêmica. Primeiramente, Brenda e Karol, dos muros da universidade para a vida, ou melhor, para o MUNDO, tenham sempre em mente que carregarei vocês por onde eu trilhar, afinal, em um determinado momento da história, uma das identidades pela qual passei, foi constituída com muitos traços (positivos e negativos, rsrsrsrs) de vocês, mesmo com os “gênios” sempre a flor da pele, digo: somos uma irmandade! Também não poderia deixar de mencionar os amigos Daniel ou Daniboy, Ana Paula e Noêmia, ou melhor, Romênia (uma junção de nós kkkkkkk). Quero agradecer aos meus grandes amigos, Cassinha e Dilson, que mesmo em momentos difíceis, procuraram formas de me acolher e me aconselhar.

Mencionarei aqui, uma figura que teve papéis importantíssimos para que eu concluísse esta etapa final da graduação, primeiramente meu amigo Endson Marques e depois meu psicólogo e excelente profissional, Endson Marques, essas duas personalidades ora foram ombros que apoiaram meus momentos ansiosos, ora foram ouvidos e filtro de minhas angústias e lamentações. Esse cara acreditou em mim com tanta força, mesmo quando eu nem se quer tinha coragem para acreditar.

A você companheiro, meus agradecimentos de forma especial, OBRIGADO e um forte abraço, sucesso a ti!

Acho que, OBRIGADO, é muito pouco quando me refiro aos funcionários do CAP, principalmente a galera do DL, bem como as meninas(os) da limpeza e a grande pequena Ritinha da xerox. OBRIGADO aos mestres os quais tive contato durante esses quatros anos de UERN, posso afirmar que ficaram valiosos ensinamentos. Todos foram importantes para mim, mas dedico um carinho especial à professora Annie Figueiredo e, principalmente, a Luciana Nery, meus sinceros agradecimentos! Saiba professora Luciana, que foi um grande privilégio poder estar sobre suas orientações. Vocês são inspiração, adubo e fertilizante para as sementes que germinarão no campo da educação. Depois de conhecê-las, vi que a ficção não aprisiona totalmente os heróis, não tenho dúvidas que vocês, coletivamente, salvarão o mundo que está se afogando em uma conjuntura política desumanizada. Avante meninas!

A Análise de Discurso com **MICHEL** nos permite
entender que, Finalizar que somos?
Não dá! Outros surgirão, pois
a história não é Universal, é alinear, é atravessada
pelo disCurso
Cabe ao Analista-arqueólogo-genealogista
Ultrapassar as barreiras do concreto e,
então, pelas práticas e Lugares que ocupam os sujeitos na sociedade,
entender como esses sujeitos, em Tre o saber-poder, são objetivados ou subjetivados.

Romão de Freitas Silva (2019)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Independência ou independência!	37
Figura 2: Fala com os meus dedos!	39
Figura 3: Arregace as mangas e encontre-se!	41
Figura 4: Nós Podemos Fazer Isso!	43
Figura 5: Também posso e devo cerrar o punho!	45
Figura 6: Autonomia também é “coisa de mulher”!	49
Figura 7: A dona do que quiser!	51

RESUMO

Para ganhar um espaço igualitário na sociedade, a mulher precisou travar muitas lutas contra o sistema social que era e ainda é atravessado por práticas de uma cultura machista. Dessas práticas surgiram discursos que atingem o público feminino e se perpetuam até a atualidade, mas desde a passagem do século XIX para o século XX, as mulheres passaram a reivindicar seus direitos e confrontar as práticas discursivas advindas do machismo. Pensando a dispersão do sujeito feminino na contemporaneidade, vemos que muitas relações se configuram pelo meio virtual, onde os discursos circulam e se (entre)cruzam através das mídias digitais, como o *Instagram*, uma plataforma de relações interpessoais, somada enquanto instância a rede do dispositivo midiático. Diante disso, o nosso estudo objetiva analisar os modos de subjetivação feminina perante os discursos machistas em *posts* do *Instagram*, assim como as estratégias linguístico-discursivas e os posicionamentos do feminino perante a esses discursos. Trata-se, pois, de uma pesquisa de cunho qualitativo e documental, por trabalharmos com *posts* do *Instagram*, seguindo a metodologia exploratória-descritiva, norteada a partir dos estudos de Foucault (1977, 2006, 2010, 2016 e 2017), Gregolin (2003, 2006, 2007 e 2015), Deleuze (1996), entre outros que citaremos no decorrer da pesquisa. O *corpus* é composto por 6 (seis) *posts* retirados dos perfis @feminiceok e @motivosprafalar do *Instagram*, que foram selecionados por suas materialidades compostas de elementos verbais e imagéticos que evidenciam as atuações das mulheres perante os discursos machistas, daí a urgência em discutir as transformações da mulher que ocorrem diante das imposições de muitos sujeitos do público masculino. De acordo com os resultados obtidos em nossa análise, pudemos observar que a subjetivação do feminino acontece nas materialidades dos *posts* analisados, pois há uma resistência da figura feminina que surge pelo poder impositivo machista e isso ocasiona outras formas de subjetivação da mulher confrontando os discursos e as práticas do machismo.

Palavras-chave: Subjetivação feminina. Discurso machista. *Instagram*. Dispositivo midiático.

ABSTRACT

To gain an egalitarian space in society, women had to wage many struggles against the social system that was and is still traversed by practices of a male chauvinist culture. From these practices emerged discourses that reach the female public and are perpetuated until today, but since the passage from the XIX to the XX century, women began to claim their rights and confront the discursive practices arising from chauvinism. Thinking about the dispersion of the female subject in contemporary times, we see that many relationships are configured by the virtual way, where the discourses circulate and intersect through digital media, such as Instagram, a platform of interpersonal relationships, added as an instance the network of media device. It is, therefore, a qualitative and documentary research, because we work with Instagram posts, following the exploratory-descriptive methodology, guided by the studies of Foucault (1977, 2006, 2010, 2016 and 2017), Gregolin (2003, 2006, 2007 and 2015), Deleuze (1996), among others who we will mention during the research. The corpus is composed of 6 (six) posts taken from the profiles @feminiceok and @motivosprafalar of Instagram, which were selected for their materialities composed of verbal and imaged elements that show the women's actions before the male chauvinist discourse, hence the urgency to discuss the transformations of women that occur before the impositions of many subjects of the male public. According to the results obtained in our analysis, we could observe that the subjectification of the feminine happens in the materialities of the analyzed posts, because there is a resistance of the female figure that arises from the imposing macho power and this causes other forms of subjectivation of the woman confronting the discourses and the practices of chauvinism.

Key-words: Female Subjectivation. Male chauvinist discourse. Instagram. Media device.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – ANÁLISE DO DISCURSO: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE AS MÍDIAS DIGITAIS	16
1.1 A base teórica da Análise do Discurso de linha francesa: as contribuições foucaultianas.....	16
1.2 Discurso, formação discursiva, memória discursiva: um elo presente nos discursos midiáticos	21
1.3 Saber, Poder e Subjetividade: segmentos que materializam os discursos no dispositivo das mídias digitais.....	27
1.4 Breve percurso histórico dos estudos feministas pela ótica do discurso	31
CAPÍTULO II – O <i>INSTAGRAM</i> COMO ARENA: A LUTA HISTÓRICA DISCURSIVA DO FEMININO CONTRA AS PRÁTICAS DO MACHISMO E SEUS DISCURSOS	35
2.1 As estratégias linguístico-discursivas no Instagram como práticas de subjetivação do feminino	37
2.2 O entrecruzamento e o (re)aparecimento de discursos sobre o feminino: da imposição patriarcal à quebra das amarras na contemporaneidade	44
2.3 Entre o saber e o poder: a subjetivação feminina perante os discursos machistas	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

O processo de inserção da mulher na sociedade não foi rápido, mas aos poucos, reivindicando seus direitos, conseguiu espaços. O século XVIII foi palco para a atuação das mulheres, tanto na Revolução Francesa como também na Revolução Industrial. Após esse período de revoluções, os modos de ver e conceber a mulher possibilitou que cargos, até então, destinados somente para os homens, fossem por elas ocupados. Esses movimentos revolucionários, principalmente pelas mulheres, impulsionaram o público feminino a questionar os modos de vida que lhes eram impostos. É certo que depois de muitas lutas e revoluções contra o sistema social e o modo de dominação machista, as mulheres alcançaram posições na sociedade e com o passar dos tempos, durante a transição do século XIX para o século XX, estudos feministas eclodiram propagando ainda mais reflexões a respeito da autonomia e das atuações da mulher nos espaços sociais.

Na atualidade, ainda encontramos discursos proferidos com o teor machista que acabam atacando e constringendo o público feminino, são discursos que quando retomados pela memória produzem características remotas herdadas pelo egocentrismo do patriarcado. Trata-se de práticas pertencentes a grupos do sexo masculino que se refratam até os dias de hoje circulando por diversos espaços, principalmente no virtual, cujos efeitos de sentidos falseiam e inibem os direitos alcançados pelas mulheres. Diante disso, a relação entre os sujeitos na sociedade atual tem assumido uma configuração virtual, isso significa que o acesso às informações se tornou mais rápido, propagando cada vez mais as vozes e discursos. Com esse novo campo de relações interpessoais, as mídias digitais ganharam expansão e agem como instrumentos de transmissão de informações, trazendo a possibilidade de conhecimentos sobre as culturas e intenções de pessoas e/ou grupos que atuam no meio social, uma sistematização que permite a formação de perfis dentro de redes comunicacionais sociais em plataformas digitais, como o *Instagram*. Dessa forma, o nosso objeto de estudo traz a voz da mulher que ecoa encorajando outras mulheres a reivindicarem seus direitos através de discursos que as subjetivam por meio de instâncias do dispositivo midiático, principalmente em *posts* dos perfis @feminiceok e @motivosprafalar do *Instagram*.

O *Instagram*, um dos *cybersespaços* do meio digital, enquanto plataforma interativa, propicia aos seus usuários múltiplos contatos com perfis que carregam em

seus conteúdos temáticas como a valorização e busca incansável da mulher por seu espaço na sociedade. Por essas razões, as transformações do feminino tornaram-se visíveis no dispositivo midiático e, hoje, o *Instagram* enquanto uma das instâncias desse dispositivo mostra através de *posts* os modos de subjetivação do feminino diante dos discursos machistas. Nesse contexto, em conformidade com as contribuições do pensamento foucaultiano para a Análise do Discurso (AD), é que surgiram os seguintes questionamentos: Como as estratégias linguístico-discursivas contribuem para a subjetivação feminina em *posts* do *Instagram*? De que forma os *posts* do *Instagram* utilizam recursos discursivos que podem propagar discursos machistas? Como os discursos machistas em *posts* do *Instagram* influenciam na postura feminina da atualidade?

Por meio dos questionamentos elencados, temos como objetivo geral: analisar os modos de subjetivação feminina nos discursos machistas em *posts* do *Instagram*. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Investigar a subjetivação feminina por meio de estratégias linguístico-discursivas em *posts* do *Instagram*; b) Identificar como os recursos discursivos utilizados em *posts* do *Instagram* propagam um discurso machista; e c) Verificar como o feminino busca se posicionar diante de discursos machistas em *posts* do *Instagram*.

O discurso apresenta ações e movimentos que ocorrem na sociedade e nos permite compreender e interpretar como as relações, permeadas pelo poder, entre os sujeitos estão se organizando, uma vez que personalidades se formam, fragmentando a sociedade em grupos. Ao observarmos a dinamicidade de discursos no espaço virtual é que nos foi despertada a inquietação em analisar a subjetivação feminina frente às imposições do machismo e seus discursos em *posts* do *Instagram*. Essa temática vem sendo enfatizada pelo meio acadêmico e busca evidenciar fatores resultantes de atitudes machistas. Desse modo, tomá-la como objeto de estudo é uma escolha que abre ainda mais caminhos entre as áreas voltadas para o social. A busca da compreensão e interpretação das ações extremas que desequilibram a harmonia entre os gêneros (masculino *versus* feminino) vem sendo explorada por diversos aspectos científicos, assim, podemos ressaltar o discurso como uma das principais pontes de interação entre os sujeitos.

A escolha da instância midiática *Instagram*, a qual veicula o *corpus* a ser analisado, se deu pela elevada demanda social que se conecta a essa ferramenta cibernética, formando gerações tecnológicas ligadas à internet que anseiam

instantaneamente pela informação e por sua propagação. Esse espaço midiático virtual e seu poder de transmissão sob a ótica dos estudos discursivos foucaultianos, pode trazer uma compreensão sobre os movimentos que ocorrem entre os sujeitos dos gêneros masculino e feminino no meio social.

Portanto, a constituição investigativa desta pesquisa é documental por trabalharmos com *posts* do *Instagram*, seguindo a metodologia exploratória-descritiva, já que tratamos de uma visão social em que as relações acontecem, bem como os modos de subjetividade de sujeitos que estão sendo explicitados no dispositivo midiático. Quanto à natureza do nosso trabalho, esta é de cunho qualitativo, pois a seleção do objeto a ser pesquisado depende da capacidade de interpretação dos elementos linguísticos-discursivos que nos levam a observar os enunciados discursivamente. Assim, por meio da escrita monográfica, nos apropriamos do método de abordagem dedutivo, já que este nos permite através de uma condução teórica, realizarmos uma análise de como o feminino se subjetiva perante os discursos provenientes da cultura machista em *posts* de dois perfis do *Instagram*.

O *corpus*, enquanto elemento analítico, é constituído por seis *posts*, os mesmos foram selecionados em 2 (dois) perfis diferentes, sendo 3 (três) retirados do perfil @feminiceok e 3 (três) do perfil @motivosprafalar do *Instagram*. A escolha desses 6 (seis) *posts* se deu pela urgência discursiva em que o tratamento dado a mulher pelos seus enunciados (verbais e imagéticos) nos levam a pensar sobre o sujeito feminino na atualidade, assim como seus modos de atuação nas relações que envolvem o poder. Ambos os perfis envolvem a temática da luta feminista e trabalham na perspectiva de divulgar e comunicar os avanços e conquistas do feminino contra a imposição machista.

Como embasamento para o nosso estudo, nos norteamos pela teoria da Análise do Discurso, fomentada pelas contribuições de Foucault (1996, 2010, 2016 e 2018) em suas reflexões acerca do sujeito, o discurso e suas materialidades imbricadas na história como algo revestido pelo saber e poder que, possivelmente, geram subjetividades. Apoiamo-nos também em estudiosos como Gregolin (2003, 2006, 2007 e 2015), Assis (2015), Fernandes (2005), Deleuze (1996), Lévy (2011), Corrêa (2001), Albuquerque Júnior (2013), dentre outros.

Quanto à disposição organizacional, nosso trabalho monográfico encontra-se distribuído em dois capítulos esquematizados da seguinte forma: capítulo I –

“*Análise do Discurso: uma perspectiva teórica sobre as mídias digitais*”. Neste capítulo consta quatro subtópicos em que discutimos a respeito da constituição da AD francesa, destacando, principalmente, as ideias de Foucault e como podem nos servir para interpretar fenômenos sociais e suas aparições no dispositivo midiático através dos meios digitais, interligados pela rede interativa virtual. Abordamos, também, ainda que brevemente, o percurso histórico dos estudos feministas, já que estes são fundamentais para a concretização da nossa investigação.

No capítulo II – “*O Instagram como arena: a luta histórica discursiva do feminino contra as práticas do machismo e seus discursos*”, apresentamos a análise dos dados e optamos por dividi-lo em três subtópicos. Inicialmente, tratamos sobre as estratégias discursivas midiáticas que explicitam posicionamentos do feminino em confronto com o machismo, por meio dos *posts* selecionados. Em seguida, procuramos compreender como os discursos sobre o feminino reaparecem e se entrecruzam constituindo formações discursivas que nos permitem interpretar as mudanças ocorridas desde a imposição patriarcal até a contemporaneidade. Posteriormente, investigamos como o saber e o poder permeiam os discursos que subjetivam o feminino em relação à prática discursiva machista na instância midiática virtual *Instagram*.

Em consonância com as reflexões e discussões tecidas em nossa pesquisa, percebemos que a temática em questão mostra, na contemporaneidade, uma figura feminina que busca evidenciar, mesmo que arduamente, sua existência enquanto sujeito social comum, mas essa visibilidade ocorreu devido aos acontecimentos decorrentes das batalhas contra as práticas e discursos machistas que ainda se perpetuam. Através dos discursos, principalmente os que circulam pelo dispositivo midiático e suas instâncias, pudemos entender como ocorre a transformação do feminino, ou seja, os modos de subjetivação frente aos discursos advindos do machismo. Dessa maneira, acreditamos que nosso estudo soma-se a uma gama de outras investigações a respeito do feminino na sociedade, fortalecendo ainda mais o tema discutido e, dessa forma, sirva como referência para futuras investigações nessa área.

CAPÍTULO I – ANÁLISE DO DISCURSO: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE AS MÍDIAS DIGITAIS

1.1 A base teórica da Análise do Discurso de linha francesa: as contribuições foucaultianas

Desde a antiguidade, a linguagem foi problematizada pelo homem como artifício de interação e interpretação, que por meio de códigos como a língua, por exemplo, despertou em grandes pensadores como Platão, Aristóteles, dentre outros, a inquietude de explorar e refletir como a disposição desta, enquanto objeto de uso entre os sujeitos. Essa foi uma curiosidade que se estendeu e ainda paira sobre o social. Entretanto, foi no século XX que estudiosos como Foucault, Pêcheux e Bakhtin se debruçaram sobre as ciências da linguagem e por meio de releituras e interpretações, passaram a discutir ainda mais sobre os aspectos da língua(gem). (GREGOLIN, 2003)

As produções humanas advindas da linguagem que através dos enunciados caracterizam articulações comunicativas entre os sujeitos carregam muito além de uma estrutura linguística, propagam sentidos. Entender como a dinâmica desses sentidos são construídos requer, *a priori*, um olhar sobre como o mecanismo de interação social, a língua e sua outra face, a fala, foi explorada pelo cientificismo estruturalista no século XX. A partir de então, muitas reflexões foram tecidas e incorporadas a respeito da língua(gem) e seu uso enquanto habilidade humana.

Ao fim da década de 60, a França atravessava um momento de efervescência política. Neste período, estudiosos como Dubois e Pêcheux, impulsionados pelas lutas decorrentes da ocasião e pela estruturação dada a ciência que analisa a linguagem, a Linguística, que até então passava por uma crise epistemológica (GREGOLIN, 2003), sentiram a necessidade de explorar ainda mais os estudos sobre a língua e sua funcionalidade (PEREIRA, 2009). De início, relendo Saussure, Pêcheux percebe que há uma lacuna teórica no estruturalismo quando Saussure prioriza a língua enquanto objeto de estudo em detrimento da fala. Nesse contexto, surge

[...] uma análise do discurso que adotou, num primeiro momento, o discurso político como objeto privilegiado. Essa tentativa – totalmente identificada com o marxismo e a psicanálise – fez da Linguística uma

referência metodológica essencial. Portanto, os diálogos entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin envolveram diferentes respostas à articulação entre teorias Linguísticas, teorias do sujeito e teorias da história e da sociedade. (GREGOLIN, 2006, p. 35)

A princípio, o projeto da Análise do discurso (AD) pensado por Pêcheux era de investigar o discurso político e explorá-lo por um viés ideológico, as produções desse discurso serviram de base para se criar um dispositivo sistematizado e automático que permitisse detectar as formações discursivas desse público (GREGOLIN, 2003). Essa ideia despertou outras buscas mais aprofundadas a respeito do tratamento dado ao discurso e seus sentidos, que por meio do tripé científico (marxismo, psicanálise e linguística) trouxe um caráter interdisciplinar para a AD, a qual busca com seus estudos demonstrar o discurso em uma esfera dimensional presente no meio social como uma das mais importantes atividades humanas, edificando-se enquanto disciplina pelas abordagens que os teóricos supracitados fizeram em torno do sujeito, da história e da teoria da linguagem.

A partir do seu surgimento na década de 60, a AD passou por períodos de maturação, os quais ocorreram em três fases distintas marcadas por deslocamentos, novos conceitos surgiram e outros já concernentes à área foram reelaborados (FERNANDES, 2005) de modo que articulasse a relação entre língua, sujeito e sociedade. Diante disso,

O que Pêcheux chamou de três épocas da AD revela os embates, as retificações efetuadas em torno da articulação entre a língua, o sujeito e a sociedade. No decorrer das “três épocas”, essa articulação foi construída a partir das reflexões de Althusser às quais Pêcheux acrescenta aportes teóricos de Foucault e de Bakhtin. Desde as primeiras formulações da AD pecheutiana encontram-se idéias derivadas de Foucault como o conceito central de formação discursiva. (PEREIRA, 2009, p. 89)

O projeto inicial da Análise do Discurso precisava que suas bases fossem ainda mais fortalecidas. Mediante a essa urgência epistemológica, diversos pesquisadores contribuíram por meio de suas reflexões para o engrandecimento dessa área que busca uma visão de como o uso social da língua pelo sujeito é desempenhado gerando sentidos. Essa ideia faz com que as concepções dos teóricos se embatem, mas também se imbriquem dentro da mesma perspectiva em

prol do aprimoramento de uma AD que tenha como preocupação o sujeito e seu percurso na história.

As mudanças ocorridas dentro desse campo de estudo trouxeram ainda mais direcionamentos a sua base enquanto teoria e nomes como o de Foucault passam a ecoar como uma das referências para o aparato metodológico da AD, sobretudo no Brasil. No cerne desta área que aborda o sujeito por meio da linguagem, existem conceitos que evidenciam o entendimento do discurso, trata-se de ditos e não ditos construídos em torno da tríade verdade, poder e saber. Nesta linha de pensamento,

Partindo dos pressupostos defendidos por Michel Pêcheux, Michel Foucault, entre outros estudiosos da linguagem e do pensamento, o universo discursivo vem cada dia mais adquirindo olhares múltiplos sobre o que se entende por “verdades”, “poderes”, “saberes” que movem os dizeres e fazem parte da constituição dos sujeitos sociais. [...] Instaura-se, então, um olhar para elementos que estão também nos não-ditos, nos silêncios e nos dizeres que se entrelaçam, que silenciam, mas que falam mais alto que a própria palavra pronunciada. (ASSIS, 2015, p. 28-29)

Em conformidade com o que afirma Assis (2015), os estudos do discurso vêm se expandindo e estão à disposição de diversas áreas na sociedade, as quais por meio de conceitos nucleares específicos da AD como a concepção de verdade enquanto construto histórico, poderes que estão ligados às relações entre os sujeitos e saberes formados por um conjunto de discursos, trazem a oportunidade de reflexão sobre a constituição do sujeito social. Esses conceitos são também essenciais para as interpretações que perpassam o nível linguístico, ressaltam a exterioridade e caracterizam os dizeres que, muitas vezes, não estão explícitos nos discursos.

Pensar o sujeito é uma tarefa que exige muito de quem se dispõe a analisá-lo sob um prisma formado por intermédio da história, acontecimentos e urgências causadas pela ordem social. Em conformidade a isso, Foucault (2016) foi e ainda é categórico enquanto referência que discute e tramita por diversas áreas e oportuniza os pesquisadores do discurso a compreender os fenômenos que constituem o sujeito por meio de investigações sobre as práticas discursivas realizadas na sociedade. Sobre essas práticas discursivas, é preciso “[...] determinar o feixe de relações que o discurso deve efetuar para falar de tais ou tais objetos, para poder

abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc. Essas relações caracterizam [...] o próprio discurso enquanto prática.” (FOUCAULT, 2016, p. 56)

A perspectiva teórica de Foucault pode ser dimensionada em três fases, a primeira entendida como arqueológica na qual busca por meio dos conjuntos de discursos regulares situar a formação dos saberes. A segunda e a terceira são circundadas pelo fazer genealógico, mas uma genealogia que não tem por objetivo histórico chegar as raízes de uma busca e sim mostrar as discontinuidades que delineiam o sujeito. Essas duas últimas extensões teóricas são caracterizadas, respectivamente, por momentos em que o poder é abordado como algo microfísico existindo e circulando nas relações entre os sujeitos e, sequencialmente, a ética é evidenciada enquanto algo que surge para disciplinar um corpo histórico por práticas de governamentalidade, conforme podemos ver em Gregolin (2015):

[...] A análise arqueológica aborda práticas discursivas cujas regularidades implicam na produção de saberes “verdadeiros” sobre o sujeito (louco, são, trabalhador etc.). Já as análises da genealogia do poder tomam os jogos em torno da loucura e do crime a fim de compreender como são constituídas determinadas práticas cujos efeitos implicam a produção de discursos [...] Assim, se a arqueologia tem como objetivo descrever as regras que regem as práticas discursivas que produzem sujeitos por meio dos saberes, a genealogia do poder propõe diagnosticar e compreender a racionalidade das práticas sociais que nos subjetivaram pelos seus efeitos e nos objetivaram pelas suas tecnologias, e a genealogia da ética busca problematizar as práticas de si e os processos de governamentalidade que ligam o sujeito à verdade. Esses três momentos do percurso teórico-metodológico de Michel Foucault – situado entre os anos de 1960 a 1984 – são atravessados e sustentados por uma teoria do discurso. (GREGOLIN, 2015, p. 192-193)

Por essa razão, é interessante destacar que os estudos discursivos foucaultianos trazem diferentes análises que norteiam o pesquisador quanto às práticas discursivas que adequam as produções de saberes. Entender como esses saberes se formam em meio a rupturas que quebram a linearidade de uma história, permite apreender como os dizeres abrem caminhos, instaura verdades permeadas pelo jogo do poder e resistência que se desenvolvem nas relações sociais. Diante disso, podemos destacar que Foucault viabiliza conceitos essenciais para a área da Análise do Discurso, tornando-se referência importante para a compreensão das explosões e micro lutas que irrompem no âmbito social. Essa perspectiva teórica de

Foucault mostra como os estudos do discurso podem explicitar os atravessamentos e as várias faces que moldam o sujeito, ou seja, como esse sujeito pode se subjetivar ou ser subjetivado por práticas discursivas.

Desde sua criação até seus momentos de transformação, a Análise do Discurso difundiu-se pelo mundo. No Brasil, por exemplo, chegou na década de 80, quando já havia passado por mudanças. Assim sendo, não podemos dizer que trata-se da mesma AD, pois como nos mostra Gregolin (2003), trata-se de outro contexto, outra história e esses são fatores determinantes para a assimilação dos estudos discursivos brasileiros. Acirramentos aconteceram e questionamentos como o pertencimento e distanciamento da AD à linguística surgem, isso é comum nesta área já que sua constituição se dá pelo entrecruzamento de teorias. Neste período, também ocorreu uma rotulação do termo discurso quando, por um momento, grande parte dos estudos que envolviam a linguagem eram atribuídos a AD.

Muitos pesquisadores brasileiros que aderiram a proposta de estudar as nuances existentes além do texto, abordavam o “discurso” por diferentes perspectivas, porém isso trouxe alguns problemas relacionados às interpretações da teoria e trabalhos passaram a circular com embasamentos teóricos diferentes, como os textos de Pêcheux, por exemplo, ainda ligados às teses de Althusser sobre a existência de aparelhos ideológicos e assujeitamento (GREGOLIN, 2006). A partir dos anos 80, as assimilações da teoria da AD começam a se delinear no Brasil e linhas de estudos surgem. Temos como pioneira nos estudos e orientações da teoria discursiva pecheuxtiana, Eni Orlandi, que trabalha sobre a perspectiva epistemológica da AD em torno da ideologia. Em se tratando dos estudos discursivos foucaultianos, é nosso dever mencionar Maria do Rosário Gregolin como responsável por introduzir as contribuições teóricas de Foucault, não só no meio acadêmico, mas também para o meio social brasileiro.

Mediante a discussão estendida até aqui, percorremos um pouco sobre a constituição da Análise do Discurso, sua consolidação enquanto disciplina, assim como suas instalações no Brasil. Dessa forma, somos conhecedores da abrangência de estudos possíveis sobre a AD, já que esta possibilita inúmeras investigações no e pelo discurso por meio de suas categorias analíticas, as quais necessitarão de uma discussão mais aprofundada sobre alguns conceitos para realizarmos nossas análises. Então, imbuídos disso, no próximo subtópico discutiremos sobre discurso, formação discursiva e memória discursiva.

1.2 Discurso, formação discursiva, memória discursiva: um elo presente nos discursos midiáticos

É preciso apreender traços, muitas vezes, imperceptíveis nas ações comunicativas dos sujeitos para chegar ao discurso, traços estes que podem se manifestar por meio dos enunciados, ou seja, “uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis” (FOUCAULT, 2016, p. 33), são nos e pelos enunciados que os discursos dos sujeitos se tornam práticas sociais, perpassando o nível de algo puramente linguístico, acarretando em produções dotadas de uma carga histórica e cultural que impulsionam lutas sociais. Dessa forma,

[...] discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem fala [...] dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. [...] o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real. (FERNANDES, 2005, p.12)

De acordo com Fernandes (2005), para tratar sobre o discurso é preciso pensar em algo ligado à dispersão, requer enxergar além do linguístico, mas não dissociá-lo, pois, só assim consegue se materializar socialmente e torna-se objeto de interpretação que, em seus entornos, busca corporificar a existência entre a linguagem e a natureza que envolve o sujeito e o seu percurso histórico. O discurso é algo que permite desvendar e compreender os entrecruzamentos que atravessam esse sujeito.

Mesmo que o discurso esteja na exterioridade do linguístico e seja disperso, não pode ser algo proferido de forma aleatória, há sempre um propósito em sua produção, porém esse propósito passa por espécies de controles detentores de poderes que selecionam e regulamentam como o que será dito pode ser enunciado e propagado em determinada época, locais distintos e em meio a variados públicos. É no social que podemos enxergar, ou melhor, interpretar como esses controles agem para que aparições de já ditos e não ditos (re)apareçam. Comungamos com a ideia de que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e

perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9)

Para Foucault (2014), o discurso e seus sentidos precisam ser considerados como algo que apresenta perigos que podem revelar muito além daquilo que expõe, ou seja, pode também ser aquilo que o sujeito deseja, por isso a dominação dos discursos são estratégias que minimizam ameaças e ao mesmo tempo designam poder a quem se arrisca a ser envolvido por ele. Essa é uma discussão na qual temos que evidenciar a força do discurso resultando exteriormente na movência entre os meios da linguagem. É, pois, por meio dele que o sujeito pode interpretar sua descontinuidade na história, com isso, “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância.” (FOUCAULT, 2016, p. 31). Dessa forma, o discurso permite que mesmo com o distanciamento entre épocas, haja uma compreensão do que é dito e sua ligação com algo que o antecedeu.

Todo e qualquer discurso passa por regras de formação, sendo constituído por aspectos históricos e sociais que correspondem às urgências e necessidades do sujeito, mas não devemos enxergá-lo como sendo algo simples e sim vê-lo além do explícito, relacionando-o como estratégia geradora de desejo e poder, envolto de disputas que designam dominação. Sendo assim,

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2014, p. 9-10)

O discurso permite que o sujeito possa agir e se posicionar e por mais que pareça algo simples apresenta em sua conjuntura uma força não só de transmissão, mas de sentidos representativos pelos quais se pode atingir o domínio de uma situação por meio do poder motivado acerca das interpretações possíveis sobre determinadas ações. Assim, o discurso não só traduz lutas, mas passa a ser o motivo delas também, ou seja, alvo de conquistas e dominações. Esse (re)surgir de discursos por determinadas circunstâncias de sentidos desencadeiam interpretações e marcam momentos na história que quando observados e ligados aos aspectos comuns convergindo a um mesmo objeto, formam um conjunto de discursos. A essa

situação Foucault (2016) chama de formação discursiva, um conceito por ele desenvolvido que serve para melhor compreender o discurso, já que este faz parte do social e se constitui dentro dessa relação entre a posição assumida pelo sujeito no discurso e sua dispersão na história.

Quando pensamos sobre o aparecimento de um determinado discurso e não outro em seu lugar, devemos levar em consideração que o dizer partiu de algo proferido antes e quando pudermos observar semelhanças entre os conjuntos de enunciados dos objetos analisáveis, aproximando-os, assim, de uma regra de formação que determina uma regularidade discursiva. Assim,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (FOUCAULT, 2016, p. 47)

Foucault (2016) discorre sobre a formação discursiva não como algo que tem por função reagrupar um conjunto de enunciados, mas sua própria dinâmica de dispersão se encarrega de visibilizar os aspectos de enunciação que se correlacionam podendo ser ordenados. De acordo com Brandão (2004), também podem sofrer transformações fazendo com que os dizeres possam ser atingidos por contradições dentro de uma mesma formação discursiva. Desse modo, a partir do que Foucault denomina de formação discursiva, é necessário mencionar a noção de arquivo e de enunciado, conceitos essenciais quando se trata de buscar a descontinuidade da história. É, pois, a partir da regularidade que podemos enxergar as redes de enunciados que formam os arquivos, mas não são arquivos cristalizados, sofrem alterações por ter o sujeito operante no tratado com os enunciados. Por mais que o arquivo esteja presente numa sociedade, numa cultura é impossível descrevê-lo totalmente,

[...] o *arquivo* define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação. [...] ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados substituírem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. *É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados.* (FOUCAULT, 2016, p. 159)

Para o autor, o arquivo explicita a dinâmica de uso dos enunciados e suas transformações para sustentar os discursos produzidos pelos sujeitos e, mesmo com as transformações que ocorrem entre os dizeres, tais dizeres possam existir no social. De acordo com Assis (2015), Foucault nos permite entender a função do arquivo pelo fazer arqueológico como algo que assume um caráter não estático, onde os discursos marcados pela descontinuidade se transformam, se (re)formulam e circulam. O arquivo permite que os enunciados surjam e se multipliquem entrelaçados com o linguístico, trazendo sentidos para os signos quando encadeados pelas formas linguísticas. Assim, conforme Assis (2015, p. 59) “reduzi-lo à mera estrutura frasal é não considerar sua essência.”, é preciso explorar sua exterioridade além do linguístico. Também não pode ser visto como unidade, pois dentro de um número infinito de articulações linguísticas podem existir diferentes formas enunciativas, nas quais o sujeito pode proferir o dizer mediante a sua dispersão de acordo com a posição sócio-histórica que ocupa. Pelo pensamento de Foucault, podemos dizer que o enunciado

[...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado com sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critério estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2016, p. 105)

De acordo com Foucault (2016), o enunciado não pode ser apreendido como estrutura, pois tem o caráter de fazer com que as formas tomadas pelos signos (re)apareçam, podendo assumir vários sentidos, isso porque os conteúdos concretos produzidos pelo sujeito são formados por outros enunciados que se modificam e se atualizam em decorrência do tempo e do espaço.

Em torno da discussão de formação discursiva e seus conceitos intrínsecos, também se faz necessário explanar as ideias concernentes à memória. Segundo Assis (2015), “a toda formação discursiva está associada a uma memória discursiva”, pois trata-se de um espaço do qual os discursos também transitam e se entrecruzam, podendo ser apagados, retomados, refutados, ou seja, dando

dinamicidade para o desempenho da formação discursiva. Dentro do campo da AD, as reflexões feitas a respeito da confluência dos discursos na memória, partiram da iniciativa de J. J. Courtine, desde então o termo memória discursiva foi somado a AD possibilitando mais caminhos investigativos acerca dos discursos:

[...] a acepção de Courtine no início dos anos 1980, que é corrente em Análise do discurso, na tradição dita “francesa”, ou seja, oriunda do trabalho de Pêcheux e de seus colaboradores a partir de meados dos anos 1960 e voltada para a questão das “condições sócio-históricas de produção” dos discursos. (PAVEAU, 2013, p. 139)

De acordo com Paveau (2013), a definição de memória discursiva por Courtine foi fomentada a partir da teoria da AD pecheuxtiana que era voltada para investigar as condições sociais em que os discursos eram produzidos com base na história, pois, “em se tratando de memória discursiva, não estão em questão as lembranças que cada sujeito tem do passado, mas sim a existência de um mundo sociocultural, com formas de trabalho, de lazer, etc, específicas.” (FERNANDES, 2005, p. 43), então pensar a memória como espaço no qual a produção discursiva dos sujeitos circula é pensar assim em uma dimensão coletiva de memória.

Em se tratando das questões sócio-históricas para a produção de discursos, é interessante enfatizar que o posicionamento do sujeito durante a enunciação instiga a memória que trata, a partir do já dito, a associação e entrecruzamento de outros discursos, ou seja, o interdiscurso, entendido como a “presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva” (FERNANDES, 2005, p. 46-47), adentrando pois, no campo da memória discursiva, local onde os discursos passam por uma ordem que os controlam e os organizam de acordo com as normas morais e éticas de cada sociedade (ASSIS, 2015), para que assim possam ser discursivizados dentro de suas especificidades e dinâmicas que variam em conformidade com a produção social. Nesse contexto,

[...] a memória, tomada no discurso, serve para estabilizar o poder, [...] Ela não seria constituída apenas da presença do passado, mas de discursos regulados pelas condições de produção. Por meio dessa função de armazenamento, atua como um operador de sentido, espaço constituído por discursos, por elementos sociais, históricos e ideológicos. Temos, agora, uma memória que não é fixa, imutável, mas sim, dinâmica; um processo que atua através de uma

movência de sentidos, uma memória, enfim, que circula. (ASSIS, 2015, p 63)

Em conformidade com o colocado por Assis (2015), a memória se materializa no decorrer da história, porém, há uma diferenciação entre ambas, enquanto a história traz representações do passado, a memória segue uma dinamicidade marcada por movências ligadas a aspectos que constituem o sujeito. Por essa razão, é que através da memória discursiva os discursos passam a ser reconhecidos dentro de suas especificidades, podendo ser modificados, (re)tomados e (re)conhecidos diante de outros discursos.

Entre as discussões apresentadas, nas quais explanamos conceitos para se realizar investigações no campo da AD, principalmente pelo arcabouço teórico das reflexões foucaultianas acerca do discurso, é interessante situar espaços como a mídia, por exemplo, para realizarmos estudos nos quais podemos fazer uma abordagem do sujeito e sua dispersão histórica por meio do discurso, já que a mídia, enquanto um desses espaços, também permite a propagação de sentidos pelos enunciados (verbal e não verbal), englobando-os como discursos midiáticos.

A sociedade se pauta em meios para propagar suas produções enunciativas, usa suportes como estratégias informacionais para veicular e marcar a posição-sujeito. Diante disso, o midiático é um espaço de representações em que os discursos se cruzam e possibilitam sentidos permeados de lutas, assim, a mídia torna-se um elemento importante para que os sujeitos se manifestem e possam marcar suas trajetórias na história, mediante a exposição das práticas discursivas, pois “o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas” (GREGOLIN, 2006, p. 39) que se interligam, materializam, retomam outros discursos e se fortalecem por outras vivências. Então,

Pensando a mídia como *prática discursiva*, produto de linguagem e processo histórico, para poder apreender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória. Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetórias históricas de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia. (GREGOLIN, 2007, p. 13).

Segundo Gregolin (2007), na sociedade, a mídia carrega uma função significativa que nos permite compreender a dispersão histórica dos sujeitos, isso pelos discursos que circulam em seus espaços produzindo sentidos com base na história, os quais contribuem para construir, através da materialidade discursiva, momentos interligados ao presente. O discurso midiático não transmite o real, mas dá condição de se criar meios interpretativos de simbolizar as lutas que são instauradas na concretude da realidade.

Dessa forma, o subtópico a seguir trará para a nossa discussão como o dispositivo midiático composto pelas mídias digitais atua, enquanto rede, na produção de subjetividades que entrecruzam o sujeito por meio do saber e poder revelando-o como heterogêneo.

1.3 Saber, Poder e Subjetividade: segmentos que materializam os discursos no dispositivo das mídias digitais

Pensando a tríade saber-poder-subjetividade é pertinente discutir sobre a importância de cada um desses segmentos para entender que a relação entre eles pode viabilizar os posicionamentos e as transformações do sujeito no meio social. Sobre essas prerrogativas, sabemos que o sujeito para a AD é atravessado por descontinuidades e movências. Com base nisso, é preciso analisar o sujeito em sua dispersão e preocupar-se em apreender por meio das práticas discursivas provenientes destes como as relações se constroem formando o saber, já que:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico [...] é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa e seu discurso [...] é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...] finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso [...] Há saberes que são independentes das ciências [...] mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (FOUCAULT, 2016, p. 219-220)

Na visão de Foucault (2016), são os discursos reunidos em torno de um objeto que podem organizar e explicar sua base e seu *status* de campo do saber. Há

uma dinâmica dentro do espaço que concretiza o saber, tendo em vista que ele atravessa o científico e entre os enunciados que circulam dentro de sua esfera, permite que surjam conceitos atuantes obedecendo a uma ordem determinada que os regem, porém, os saberes em um eixo científico ou não, são regulamentados por práticas discursivas definidas permitindo, assim, que outros discursos possam aparecer e/ou se atualizar.

Os discursos provenientes das práticas discursivas passam por regularidades que atuam para a formação dos saberes, permeados pelo poder. Nessa perspectiva, o poder também é algo que circunda as relações sociais, pois como diz Foucault (2017, p. 138) “onde há poder, ele se exerce”, então saber e poder se imbricam nas relações dos sujeitos exprimindo forças. Dessa forma,

O exercício do poder [...] não é em si mesmo uma violência que, às vezes, se esconderia, ou um consentimento que, implicitamente, se conduziria. Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 2010, p. 243)

De acordo com as ideias de Foucault (2010), o poder não é um artifício apenas de repressão, tanto pode reprimir quanto formar e (re)construir outros discursos (FOUCAULT, 2017), pois por meio dele o sujeito vai se moldando em conformidade com o corpo social, isto é, o poder conduz as ações que motivam o sujeito a exercê-lo, utilizando-o em favor da lei ou em prol das lutas que surgem na sociedade.

Para Foucault (2010, p. 245), “as relações de poder se enraízam profundamente no nexos social; e que elas não reconstituem acima da “sociedade””, isto é, movimentam-se entre os diferentes grupos compostos pelos sujeitos sociais. Dentro desses grupos, existe uma dinâmica decorrente da prática discursiva que, por meio da historicidade e das relações de poder, busca a subjetivação do sujeito diante dos dispositivos que existem na sociedade.

Com isso, podemos dizer que por meio da articulação poder e saber ocorrem formas singulares que (re)constroem o sujeito e é a visão desse sujeito sobre suas próprias ações que permite configurações de suas práticas, assim, passando por

processos de subjetivação, que segundo Marcello (2004, p. 209) “envolvem necessariamente a produção de efeitos sobre si mesmo [...] indicam também possibilidades, (des)caminhos, fugas e subversão do próprio sujeito.”, pois só assim o sujeito conseguirá materializar as formas que o atravessam e/ou podem atravessá-lo, tornando-se objeto de si.

Para se ter uma visão de como as relações sociais se desenvolvem existem redes de elementos que se interligam formando dispositivos, os quais conseguem através das práticas dos sujeitos evidenciar suas ações e transformações, que sempre estarão entrelaçados o poder e o saber. Sobre dispositivo, Foucault (2017) determina-o como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2017, p. 364).

Como ressalta Foucault (2017), essa rede que interliga elementos se constitui heterogeneamente, pois se estabelece entre as práticas sociais nas quais promovem a visibilidade dos ditos e não ditos acarretando na subjetivação do sujeito. De acordo com Agamben (2005), o pensamento de Foucault sobre os dispositivos está pautado em “investigar os modos concretos em que as positivities (ou dispositivos) atuam nas relações, nos mecanismos e nos “jogos” de poder” (AGAMBEN, 2005, p.11), pois por essa atuação em que o dispositivo é fundante, acontecem as relações entre os sujeitos permeados pelo poder que forma saberes e através das práticas exercidas no dispositivo gera subjetividades.

Segundo a concepção de Deleuze (1996), o dispositivo apresenta dimensões e tem em seu interior um feixe de linhas que se entrecruzam, se afastam e dentro desse movimento possibilitam que as formas do jogo enunciativo (re)apareçam por curvas de visibilidade e curvas de enunciabilidade podendo trazer sentidos distintos aos discursos que se formam dentro da área de atuação do dispositivo. No que concerne as essas curvas:

- a) A visibilidade não se refere à luz em geral que iluminara objetos pré-existentes; é formada de linhas de luz que formam figuras variáveis e inseparáveis deste ou daquele dispositivo. Cada dispositivo tem seu

regime de luz, a maneira em que esta cai, se esvai, se difunde ao distribuir o visível e o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela. (DELEUZE, 1996, p. 155)

- b) [...] as enunciações, por sua vez, remetem para linhas de enunciação nas quais se distribuem as posições diferenciais dos seus elementos; e, se as curvas são elas mesmas enunciações, o são porque as enunciações são curvas que distribuem variáveis [...] (DELEUZE, 1996, p. 156)

De acordo com Deleuze (1996), a visibilidade e a enunciabilidade, enquanto curvas, fazem com que os dispositivos mantenham sua organização, assim, os sentidos dos discursos surgem, se posicionam ou somam pelo cruzamento das linhas, as quais se movimentam pelas enunciações. Dessa forma, o que se torna claro ou (in)visível dentro dos dispositivos têm suas curvas atravessadas por linhas de forças, que “produz-se “em toda a relação de um ponto a outro” e passa por todos os lugares de um dispositivo” (DELEUZE, 1996, p. 156).

Em se tratando de dispositivos, vale salientar que estes e suas redes de filiações se dispõem na sociedade pelas práticas que os sujeitos exercem interativamente. Dentre esses dispositivos, as mídias aparecem como sendo indispensáveis na sociedade, pois permitem que os discursos se agrupem e circulem nas diferentes esferas sociais (GREGOLIN, 2007), de forma que possam se dispersar e se tornar objeto de grande interesse da contemporaneidade por evidenciar o sujeito e suas ações no meio social.

Na contemporaneidade, pensar a relação social deve ser um exercício não só ligado ao contato puramente físico, pois as práticas dos sujeitos passam a ser viabilizadas e/ou controladas por espaços existentes na virtualidade que oferecem uma intermediação de acesso instantâneo ao real (LÉVY, 2011), ou seja, as novas tecnologias apresentam o virtual na sociedade como uma linha tênue que permite o sujeito acessar e se conectar a diferentes espaços, assim como o contato entre os sujeitos é quase sempre remetido as mídias virtuais e ao acesso à internet, que por meio de uma teia abstrata formada pelo digital, possibilita meios de conexão aos dispositivos móveis e suas plataformas digitais e interativas (*Instagram, Facebook, twitter*), ou seja, o progresso de uma extensão da realidade para a virtualidade.

Portanto, “o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.” (LÉVY, 2011, p. 18), porém, dentro dessa perspectiva, não podemos tomar essa extensão como algo

desterritorializado que apenas passa da realidade para a virtualidade enquanto espaço formado de possibilidades. A virtualidade atrelada à mídia controla e modula o sujeito, espetaculariza a sociedade, faz surgir discursos, (re)formula-os e os expõe por meio de materialidades verbais e não verbais, trazendo assim a ideia de devir histórico (GREGOLIN, 2007). Esse movimento da mídia permite que o sujeito se ligue a coletividade e possa rever suas práticas sociais e procure, por meio destas se subjetivar, pois, de acordo com Gregolin (2007, p. 21), “a subjetividade não se situa no campo individual, mas no de todos os processos de produção social e material”.

Pensando nesta proposta de subjetivação, o próximo subtópico trará uma breve discussão a respeito do percurso histórico da luta feminista, uma área do saber atravessada por diversos conflitos políticos, sociais e históricos, nos quais as transformações em torno do sujeito mulher se evidenciam pela sua dispersão.

1.4 Breve percurso histórico dos estudos feministas pela ótica do discurso

A luta feminista é fomentada por traços reivindicatórios que geram revoluções no âmbito social e, dentro destas, as mulheres batalham pelos direitos que lhes são negados e pelas condições que lhes eram impostas. Trata-se, pois, de movimentos que atravessam séculos e se interligam em uma mesma perspectiva: a liberdade e a inserção da mulher nos diversos espaços sociais. Desde o século XIX, na Europa, questões como o proletariado e a submissão feminina ao modo patriarcal, por exemplo, passaram a ser discutidas e difundidas pelo mundo.

Com os avanços tecnológicos e sociais, houve uma expansão do mercado de trabalho, com isso, a “aliança entre o movimento das mulheres e a classe operária seria o meio mais adequado para a luta contra o patriarcado e o capitalismo, enquanto sistemas essencialmente opressores” (TOMÁS, 2016, p. 88), essa união fortaleceu cada vez mais a vontade de auto-sustentação da mulher, de se desprender do controle masculino, passando a enxergar a oportunidade de oferecer serviços e conseguir sua autonomia.

Desse modo, as mulheres passaram a se mobilizar para conseguir realizar atividades que, socialmente, eram delegadas apenas aos homens. O direito de trabalhar nas indústrias, o direito à educação, o direito de escolher líderes políticos,

ou seja, uma série de outras ações que lhes eram vetadas, passaram a motivá-las a questionar se a sua existência deveria ser pautada apenas como meio biológico de reprodução e, conseqüentemente, assumir posições domésticas (esposa, mãe, dona de casa e etc.). Diante disso, percebemos que:

Desde os primórdios da Revolução Francesa, no século XVIII, é possível identificar mulheres que de forma mais ou menos organizada lutaram por seu direito à cidadania, a uma existência legal fora da casa, único lugar em que tinham algum tipo de reconhecimento como esposas e mães. [...] Na segunda metade do século XIX nas primeiras décadas do século XX as lutas e manifestações esparsas cederam lugar a uma campanha mais orgânica pelos direitos políticos de votarem e de serem votadas. O movimento sufragista se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, construindo a primeira vaga de feminismo organizado no mundo. (PINTO, 2003, p. 13)

Por mais que as mulheres ainda não tivessem uma frente totalmente organizada para somar enquanto movimento que, politicamente, pudesse exigir seus direitos e afirmar sua cidadania, elas já reclamavam as condições sociais que lhes eram impostas. Diante disso, as micro lutas do século XVIII na França atingiram uma proporção macro e abriram espaços para que discursos se formassem em torno das causas das mulheres. Com o avançar do tempo, o movimento foi fortalecendo sua base, permitindo que eclodisse tanto na Europa quanto na América um princípio organizado do feminismo.

A partir dessa organização derivada do eco de outras reivindicações, os momentos que foram responsáveis por períodos extremamente importantes para delinear a luta do feminismo e sua evolução foram denominados como ondas. A primeira delas ocorreu no século XVIII durante Revolução Francesa, a segunda ocorreu durante a Revolução Industrial. Já a terceira onda, aconteceu na Idade Contemporânea, tendo como expoente as reflexões e discussões de Simone de Beauvoir sobre a hierarquização entre homem e mulher (BAGGENSTOSS, 2017). Por fim, a quarta onda está em movimento em pleno século XXI, em que “tem-se o florescer da consciência representativo de uma nova postura político-social das mulheres frente a forma de interação que caracterizem alguma forma de opressão. É o que, aqui, denomina-se *primavera feminista*” (BAGGENSTOSS, 2017, p. 129).

Mesmo conseguindo os direitos cobrados através das lutas, a mulher ainda sofre com questões voltadas para o gênero e sua capacidade enquanto sujeito

social. Isso ocorre devido às retomadas de memórias do período patriarcal que influenciam as práticas machistas e seus discursos, os quais fazem com que a mulher ainda seja subjugada. Mesmo perante a essas práticas, o feminino vem se mostrando como símbolo de persistência e resistência. Comungando com o pensamento de Santos (2017),

[...] Em nossos dias, as mulheres precisam reafirmar seus espaços, lutar para terem suas vozes respeitadas e pelo direito de andar onde, com quem e a hora que desejarem, sem que seus atos sejam vistos como justificativas para práticas de violência e para a construção de valores depreciativos. (SANTOS, 2017, p.56)

Em suas colocações, Santos (2017) afirma o quanto a mulher precisa lutar para fazer parte do meio social sem que se torne alvo de nenhum tipo de agressão em que, na maioria dos casos, partem de muitos sujeitos do público masculino. Essas práticas advindas do machismo nos levam a entender que há um embate, isto é, uma disputa, na qual o masculino não quer perder o posto de superioridade e dominação sobre o feminino, este que mesmo conseguindo se instaurar no seio social, ainda sofre com as formas de coerção machista tentando quebrar a concretização da igualdade entre os gêneros.

É sobre o embalo dessas lutas que o movimento feminista torna-se um campo do saber atravessado por diversos acontecimentos e, é por meio desses acontecimentos que o analista de discurso pode adentrar nos movimentos/lutas e apreender a dispersão do sujeito feminino na história, que precisou e ainda precisa travar batalhas para agarrar não somente posições sociais como também o direito de ser o sujeito mulher que pode desfrutar de sua autonomia. Assim,

[...] o feminismo se constitui por meio de uma série de acontecimentos que possibilitaram e ainda possibilitam transformações na forma de pensar e dizer a condição da mulher em suas relações com os homens e, inclusive, com outras mulheres. Podemos dizer que o feminismo irrompe tanto como movimento social quanto como acontecimento discursivo, pois sua emergência criou condições para que as subjetividades sejam questionadas e politizadas, o que evidencia a existência de um debate sobre a “forma” e o “lugar” que os sujeitos assumem numa dada conjuntura histórica. (GONZAGA, 2018, p.106)

Conforme explicita Gonzaga (2018), o campo do feminismo abre possibilidades de ser abordado pela teoria da AD devido aos acontecimentos

envoltos nas lutas do movimento protagonizado pelo feminino, no qual muitos discursos se formam e os dizeres enunciados nesse meio permitem que se possam interpretar as práticas discursivas dos sujeitos que ali permeiam. Nos discursos feministas que irrompem na história, a descontinuidade pode ser acentuada e revelar que o feminino passa(ou) por mudanças, principalmente quando pensamos nas relações entre homem e mulher ou até mesmo das relações entre as próprias mulheres.

Com isso, podemos pensar que as mudanças sociais as quais atravessam historicamente o sujeito feminino em sua dispersão, mais especificamente por meio dos estudos discursivos foucaultianos, podem ser tratadas como modos de subjetivação. E é pensando nesses modos de subjetivação do sujeito, em nosso caso, o sujeito feminino, perante os discursos machistas na plataforma midiática digital *Instagram*, que no capítulo seguinte desenvolvemos a análise dos dados.

CAPÍTULO II – O *INSTAGRAM* COMO ARENA: A LUTA HISTÓRICA DISCURSIVA DO FEMININO CONTRA AS PRÁTICAS DO MACHISMO E SEUS DISCURSOS

Como apresentado no capítulo anterior, as relações entre os sujeitos na sociedade têm se tornado cada vez mais virtuais, isso por receberem influências provenientes das tecnologias informacionais/midiáticas. Em espaços, ou melhor, plataformas interativas digitais como o *Instagram*, por exemplo, os sujeitos passam a atuar socialmente e, por meio das práticas discursivas, possibilitam o entendimento de como as relações acontecem e se (trans)formam, isso dentro de perfis da referida rede social. Assim, dentro deste espaço, os discursos que são formados a partir das relações evidenciam fenômenos sociais dentre os quais especificamos a luta do feminino perante o machismo e seus discursos.

Nesse contexto, o *Instagram* enquanto uma das instâncias do dispositivo midiático pode explicitar através de *posts*, a dispersão do sujeito feminino e os atravessamentos que o atingem dentro das relações (masculino *versus* feminino) nas quais envolvem saber, poder e subjetividade. Diante disso, conforme já mencionamos, objetivamos de forma geral analisar os modos de subjetivação feminina perante os discursos machistas em *posts* do *Instagram*. De modo específico, investigamos a subjetivação feminina por meio de estratégias linguístico-discursivas em *posts* do *Instagram*, identificamos também como os recursos discursivos utilizados em *posts* do *Instagram* propagam um discurso machista e, por fim, verificamos como o feminino busca se posicionar hoje diante de discursos machistas em *posts* do *Instagram*.

Já que o *Instagram* e seus *posts* nos servirão como instância investigativa, convém falarmos sobre sua funcionalidade enquanto parte integrante da rede heterogênea que forma o dispositivo midiático e sua importância hoje para a interação social. Trata-se de um aplicativo móvel idealizado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, um projeto concretizado em 2010 nos Estados Unidos da América, disponibilizando aos usuários uma multiplicidade de serviços como: compartilhamento, ou seja, a circulação de fotos e vídeos, aplicação de filtros nas fotografias, *Boomerang* (capturas de pequenos movimentos), os *Stories* (pequenas publicações temporárias), além das gravações e transmissões de vídeos ao vivo, (WAKKA, 2018).

Em termos de plataforma virtual (*Whatsapp, Facebook, youtube, twitter, Snapchat* e etc.), o *Instagram* apresenta maior popularidade dentro da cultura cibernética, sendo uma das preferências do público que faz uso das redes sociais digitais. Segundo as estatísticas publicadas por Wakka (2018), o *Instagram* atingiu 1 bilhão de usuários ativos na plataforma durante o primeiro semestre do ano de 2018.

Em meio a esse uso e expansão dos sujeitos conectados ao *Instagram*, é perceptível que existem perfis com um grande número de seguidores, esses procuram expor ou transmitir aos sujeitos que transitam virtualmente nessa plataforma conteúdos que abordam temáticas sociais, como é o caso do feminismo. Dentre os muitos perfis que enfatizam a luta das mulheres por seus direitos e espaços, destacamos dois, @feminiceok e @motivosprafalar, ambos têm como foco a mulher e sua trajetória em busca de seus direitos e afirmação enquanto sujeito capaz de atuar na e pela sociedade.

O perfil @feminiceok foi criado no Brasil no ano de 2017 e, atualmente, conta com 4.973 seguidores. Desde sua criação até a metade do segundo semestre do ano de 2019, publicou aproximadamente 1.650 postagens em torno do ciberativismo feminista que confrontam os rastros deixados pelo patriarcado e as coerções impositivas que atingem as mulheres na sociedade, levando, dessa maneira, informações ao público em geral, mas principalmente ao público feminino. Já o perfil @motivosprafalar, também criado no Brasil, foi ativado na plataforma *Instagram* em 2017, conta com 50,1 mil seguidores e trabalha em suas publicações para ecoar a voz feminina que tem motivos reais para falar de sua condição enquanto ser legalmente livre para decidir suas ações na sociedade.

Então, para que possamos compreender melhor como está ocorrendo os modos de subjetivação feminina no *Instagram*, faremos uso do método arqueogenealógico para adentrarmos nas categorias analíticas dos próximos subtópicos, nos quais analisaremos os *posts* da seguinte forma: primeiro trataremos das estratégias linguístico-discursivas por meio de dois *posts* do perfil @motivosprafalar e um *post* do perfil @feminiceok, pois estes apresentam em suas materialidades discursivas conteúdos verbais e imagéticos que se articulam nos enunciados e apresentam formas linguísticas que (re)formulam os discursos e os fazem (re)surgir com outros sentidos. No segundo subtópico, analisaremos uma postagem do perfil @motivosprafalar que apresenta cinco imagens sequenciadas que representam a relação do feminino *versus* masculino em diferentes momentos

da história e, com isso, analisarmos as práticas da cultura machista que (re)ativam memórias por meio de seus discursos. Já o terceiro subtópico traz dois *posts* do perfil @feminiceok, e nele trataremos sobre saber, poder e subjetividade, pois são postagens em que a figura que representa o feminino aparece sem ser acompanhada de um sujeito masculino.

2.1 As estratégias linguístico-discursivas no Instagram como práticas de subjetivação do feminino

O *Instagram*, enquanto espaço interativo virtual, proporciona aos seus usuários uma gama de serviços, já mencionados anteriormente, formando materialidades e permitindo que os discursos apareçam, se embatem, se excluam, tomem outros sentidos e que esses sentidos estejam impregnados em postagens compostas de enunciados verbais e imagéticos, nos quais o discurso atravessa. Diante disso, buscaremos por meio das figuras seguintes (1, 2, 3 e 4), discutir sobre as estratégias linguístico-discursivas materializadas nas postagens selecionadas.

Figura 1: Independência ou independência!



Fonte: www.instagram.com

Na Figura 1, retirada do perfil @motivosprafalar e postada em março de 2019, podemos perceber por meio de uma clássica cena dos contos de fadas uma relação

protagonizada por uma mulher e um homem, ou melhor, uma princesa e um príncipe. Na narrativa original, a Cinderela¹ precisa encontrar um cônjuge para livrar-se de sua condição de vida precária e escravizada, assim, envolve-se com a realeza, onde há uma cultura hegemônica masculina, principalmente sobre a figura feminina que era socialmente obrigada a aceitar condições impositivas. Os aspectos apontados também nos levam a crer que a escolha da imagem foi estratégica, uma vez que o fato de trazer como protagonistas personagens dos contos de fadas torna o enunciado mais atrativo, já que este pode interagir de forma diferente com discursos antes apresentados em momentos distintos da caracterização do conto em evidência.

O meio midiático associado a criatividade dos usuários condiciona para que os discursos sejam ajustados a determinadas circunstâncias, “não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades” (GREGOLIN, 2007, p.23). Conforme exposto na figura 1, é sabido que a Cinderela concede um momento de afetividade com o príncipe e nas versões do conto, e esses momentos que estão na materialidade acima, representam a hora em que ela deve partir, e a figura do homem que está próxima, aparentemente, tenta domina-la, porém, o acordo que lhe foi ofertado na narrativa não a permitia. Nesse caso, a princesa não segue o padrão da narrativa original, ela atua com resistência, e “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de "baixo" e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 2017. p. 360). De modo paradoxal ao conto, as imagens cristalizadas serviram para (re)significar o discurso em que a figura representativa do feminino assume uma postura diferente na postagem, ela se mostra resistente à dominação do homem que aparece tentando impedir sua partida aparentemente de forma abusiva. Pensando assim,

O poder não substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria ou que o exerceria devido a seu nascimento; ele se torna uma maquinaria de que ninguém é titular. Logicamente, nessa máquina, ninguém ocupa o mesmo lugar; alguns lugares são preponderantes e permitem produzir efeitos de supremacia. (FOUCAULT, 2017, p.332)

¹O conto “Cinderela ou O sapatinho de vidro” na íntegra, pode ser encontrado em: PERRAULT, Charles. Cinderela ou O sapatinho de vidro. In: MACHADO, Ana Maria; BORGES, Maria Luiza Xavier de Almeida. Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 19-31.

Em conformidade com o exposto pelo autor, pudemos perceber que o poder não é algo definitivo, como visto no enunciado verbal que se encontra na parte inferior da postagem aqui analisada, o qual demonstra o discurso feminino e por meio do embasamento do saber feminista, busca quebrar essa idealização de dominação do homem sobre a mulher. Isso pode ser entendido quando a figura da princesa não concorda com a ação que ocorre na parte superior da materialidade, espaço em que a voz do homem aparece “*Você não pode ir embora ainda, é só meia-noite*” tentando exercer um poder de macho, isso é marcado pelo enunciado “*não pode*”. Por meio deste discurso que apresenta aspereza, também está um gatilho, no qual leva a princesa a agir de um modo diferente ao que se espera, “*Vamos deixar uma coisa bem clara aqui, eu posso fazer a porra que eu quiser*”, existe assim um misto de delicadeza e irreverência, como exemplo enfatizamos o termo “*porra*”, que realça a indignação e a mudança de postura da mulher nas relações. Esse discurso da princesa nos remete a outros discursos propagados pelo movimento feminista, assim como a ideia de que a mulher pode ser o que ela quiser, como vem nos dizer Baggenstoss (2017, p. 133-134) “ela é o que quer, em lugar que quiser, da forma como pretende e por quanto tempo lhe for conveniente. É o florescimento da consciência de si”.

Para melhor compreensão da discussão, a Figura 2, a seguir, também aborda esta temática dos contos de fadas, na qual o sentido do discurso se diferencia da tradicionalidade conhecida nas histórias e produz novas significações. Vejamos:

Figura 2: Fala com os meus dedos!

" Você é bonita, mas precisa se preservar mais"



Fonte: www.instagram.com

Assim como na Figura 1, o *post* acima (Figura 2), retirado do perfil @motivosprafalar que foi postado em maio de 2019, também se utiliza das narrativas ficcionais fantasiosas para demonstrar a reação da mulher diante dos discursos machistas. Neste caso, trata-se do conto da Branca de Neve², no qual a meiguice da personagem é um dos pontos mais expressivos da história. Nesta cena, temos o momento em que o príncipe a beija para quebrar um feitiço, assim a figura masculina, no conto, é tida como redentora para a vida da moça. Em ambas as postagens, a figura feminina apresentada, pertencente ao mundo da fantasia e é vista como dependente do homem. Mais uma vez o enunciado imagético está sendo utilizado para demonstrar a reação da mulher que passa de uma submissão para um ato libertador.

Em conformidade com o exposto, vemos que a postagem apresenta um discurso machista que, a princípio, produz efeito de sentido que trata de um elogio, todavia, na sequência da sentença é perceptível a tentativa de um ato de controle/dominação “*Você é linda, mas precisa se preservar mais*”. A conjunção adversativa “mas” vem opor a ideia de elogio, e o verbo “preservar” reforça essa ideia egocêntrica do macho de querer moldar a mulher a um padrão que não venha ameaçar seu status dominador perante ao social. Assim, podemos dizer que esse meio utilizado pelo personagem representativo do homem atua na busca de aprisionar as ações do sujeito feminino. Por essa ação, percebemos que trata-se de um discurso que soma-se a outros dentro da cultura machista.

Em contrapartida a isso, observamos na postagem que há uma “montagem” nas mãos da princesa, caracterizando uma atitude impensável para tal personagem, já que tradicionalmente deve seguir uma série de práticas que estão associadas a sua imagem enquanto membro da realeza. Os dedos do meio das mãos, quando mostrados da maneira exposta pela princesa, pode representar uma ofensa, um gesto desrespeitoso, mas nesta ocasião, enxergamos como um ato de defesa, ou seja, os dedos direcionados ao outro personagem, o príncipe, funciona como um escudo, frustrando o ataque que o discurso machista, possivelmente, pretendia proferir.

²O conto “Branca de neve” na íntegra, pode ser encontrado em: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Branca de neve. In: MACHADO, Ana Maria; BORGES, Maria Luiza Xavier de Almeida. Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 129-144.

Ainda pensando o sujeito femininino e as lutas que travam contra o machismo e seus discursos, apresentaremos a figura seguinte que também traz, em sua materialidade, a mulher em um momento de embate contra práticas machistas.

Figura 3: Arregace as mangas e encontre-se!



Fonte: www.instagram.com

Neste *post* do perfil @feminiceok, publicado em maio de 2019, temos mais uma situação em que a mulher precisa se deparar com um discurso machista proferido por um personagem masculino, não que ele representa os homens no geral, mas uma parcela machista que inferioriza as mulheres na perspectiva de fortalecer ainda mais sua estrutura de “macho”, de superioridade. Diante disso, comungamos com as ideias de Albuquerque Júnior (2013, p. 224) ao afirmar que “o mundo masculino parecia bastar-se a si mesmo, ser um mundo fechado, do qual não deveriam fazer parte as mulheres, a não ser em momentos e espaços específicos e quando fossem requisitadas.”. Deste modo, a materialidade discursiva da postagem, no que se refere à figura masculina, remete ao que Albuquerque Júnior (2013) coloca sobre o homem e o seu ego masculino.

Na materialidade discursiva acima, é possível perceber por meio do enunciado e das expressões faciais do sujeito masculino uma certa ironia, isso aparentemente expande seu ego ao dirigir o discurso a figura feminina como se aquela fosse a única opção que ela tinha a seguir, ou seja, continuar a ser submissa e dependente do homem. Em resposta ao sujeito masculino, a mulher é bastante clara ao demonstrar-se independente em suas ações, primeiramente exibindo o

copo de cerveja que estava em sua mão, situação não muito comum para aqueles que visualizam a mulher como objeto de procriação e ligada as atividades do lar. Essa cena, em outros tempos, se protagonizada por uma mulher, pois, nas épocas patriarcais, por exemplo, isso poderia ser visto como um insulto ao homem, ou melhor, ao patriarca em meio à sociedade.

Com o passar dos tempos, esses tabus sociais sobre as mulheres consumir bebida alcoólica e frequentar determinados ambientes como bares, por exemplo, foi sendo quebrado e elas começaram a usufruir com mais naturalidade desses lugares, de forma que pudessem se divertir. Desde então, a partir das lutas feministas, muitas conquistas foram adquiridas pelo feminino, entretanto, esta é uma luta ativa que ainda busca pela igualdade de direitos entre os gêneros. Nesse contexto, o discurso que a mulher utiliza em resposta ao sujeito masculino reafirma essas conquistas do feminino, principalmente pelo gesto do braço esquerdo, gesto esse que possui uma representação bastante significativa para o feminismo, pois a tradução do próprio ato de mostrar o bíceps representa a força e desconstrói o estereótipo de fragilidade feminina, uma vez que essa imagem traduz o encontro da mulher com seu interior e suas vontades sem ser interligada ao homem. Assim:

As imagens fazem sentido, porque vêm carregadas de lugares outros, de discursos que, em um certo momento, parecem inertes num “sono profundo”. Mas, quando postas na cadeia discursiva, [...] para contar uma história do tempo presente podem até, em certo momento, num olhar puramente superficial, valer mais que mil palavras; mas as palavras estão ali, no silêncio, no ritual da memória, nas fissuras do dizer. Ou seja, a imagem já é um discurso. (ASSIS, 2015, p. 72-73)

Portanto, na figura 3, a afirmativa “*Já encontrei*” e o ato de mostrar a posição do braço esquerdo, remete-nos a outros discursos proferidos anteriormente. As imagens “podem ser utilizadas em qualquer momento para representar algo determinante do redizer [...] elas vão sempre significar o acontecimento e fazer voltar a memória” (ASSIS, 2015, p. 73). Essa figura nos faz remeter a típica imagem de uma propaganda norte-americana da década de 40, apresentada a seguir na figura 4:

Figura 4: Nós Podemos!

Fonte: www.capricho.abril.com.br

A Figura 4 trata de um cartaz produzido nos Estados Unidos, no contexto da Segunda Guerra Mundial, uma expressão que ficou bastante clara na posição dos braços da mulher, que tinha como propósito atrair-la para além das atividades domésticas e inseri-la nas indústrias bélicas (OTTO, 2018). Serviu, naquela época, como estratégia, ou melhor, um discurso que mostra a mulher como sendo capacitada a realizar atividades, até então masculinas, que beneficiem o mercado e o país de um modo geral.

Deste modo, as figuras 3 e 4 estão interligadas discursivamente pela noção de intericonicidade “uma antropologia das imagens que seja igualmente uma arqueologia do imaginário humano” (COURTINE, 2013, p. 46), pois reativam discursos que o sujeito já tem na mente, a chamada memória discursiva, em que os discursos presentes no dia-a-dia já estão guardados, de certa forma, e quando proferidos estão propícios ao “já-dito” (MILANEZ, 2006), isto é, podem remeter a outra imagem ou discurso já visto antes. Sobre essa questão, Courtine (2013) afirma que:

A noção de intericonicidade é assim uma noção complexa, porque ela supõe colocar em relação imagens externas, mas igualmente imagens internas, imagens de lembrança, imagens de memorização, imagens das impressões visuais estocadas pelo indivíduo. (COURTINE, 2013, p. 43)

Segundo Courtine (2013), a noção de intericonicidade é complexa, pois o sujeito busca na memória as imagens guardadas em seu arquivo mental, fato este que o autor vem chamar de “sempre já”. Essas memórias internas ou externas podem ser tanto imagens vistas ou mesmo imaginadas que se conectam entre si, tais como “os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou até fantasiadas” (COURTINE, 2013, p. 44).

As discussões sobre as imagens anteriores nos mostram como o dispositivo midiático pode evidenciar lutas, isso por meio das curvas de visibilidade que associados às curvas de enunciação, faz surgir o visível e o dizível em uma materialidade discursiva (DELEUZE, 1996). No caso da Figura 1, analisada primeiramente, as reações da princesa ligadas ao enunciado verbal, funcionam como curvas das linhas dentro da instância *Instagram* que compõem o dispositivo das mídias, bem como os gestos dos dedos da personagem feminina na Figura 2 e a posição do braço da mulher na Figura 3. Por essa visibilidade, tais ações mostram as transformações que atravessam e subjetivam a mulher construindo esse sujeito feminino singular. Diante disso, no próximo subtópico, trataremos uma postagem formada de cinco imagens que representam a luta histórica da mulher resultante da transformação perante o machismo.

2.2 O entrecruzamento e o (re)aparecimento de discursos sobre o feminino: da imposição patriarcal à quebra das amarras na contemporaneidade

Para analisarmos as próximas imagens, interpretamos como os discursos se formam e são propagados a partir delas, ou seja, quando circulam dentro de uma formação discursiva podem ser (re)formulados ou (re)tomados e até mesmo excluídos ou negados, isso também está conexo ao devir da memória, isto é, ambas são interligadas. Diante disso, a postagem a seguir traz um encadeamento de 5 imagens que representam acontecimentos em momentos distintos da história, em que o sujeito feminino está quase sempre submetido a uma relação de poder na qual o homem aparece na posição de dominador.

Figura 5: Também posso e devo cerrar o punho!



Fonte: www.instagram.com

A Figura 5 é um *post* composto por uma sequência de 5 imagens retiradas do perfil @motivosprafalar e postada em maio de 2019. Podemos perceber que as imagens tratam a mulher em sua dispersão, pois independente da reprodutibilidade do cenário doméstico, há uma diferenciação das personagens no que se refere às vestimentas, expressões e atitudes que resultam em sua autonomia e liberdade. Dessa forma, é pela ideia de acontecimentos, tendo seu aparecimento por algo material, que se concretiza uma relação dispersa possibilitando a produção de efeitos significativos e descontínuos (FOUCAULT, 2014), assim, podemos explorar os discursos materializados no *post* e pelo irromper da história observar como a figura da mulher estava posicionada em diferentes momentos para traduzirmos seus modos de atuação na contemporaneidade.

A primeira imagem mostra que as relações entre os gêneros têm como problemática o poder que o homem exercia sobre a mulher, antes mesmo do início da civilização, quando o feminino já era tratado pelo sexo oposto como submisso e dependente, uma situação que se refratou temporalmente, aparecendo em diversos momentos da história. Na segunda imagem, o discurso tangível de poder do homem

sobre a mulher prevalece, principalmente nessa materialidade, que trata do tempo imperial em que as sociedades tinham o rei como soberano, assim, o exercício de poder “só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apóia sobre estruturas permanentes.” (FOUCAULT, 2010, p. 242). Dessa forma, o discurso transmitido pela imagem pode mostrar que esse poder era ainda mais concentrado quando aplicado a figura feminina, esta que como visto na primeira imagem da sequência, já vinha vivenciando esse tipo de tratamento.

Na terceira imagem, o discurso se repete, porém, percebemos que trata-se de outra época, isto é, outro contexto histórico em que há a representação da transição entre o regime monárquico e a burguesia. Neste período, o social amparado por alguns saberes, como o saber religioso, por exemplo, conferiu ao homem um poder sobre a família, e com isso o domínio sobre a figura feminina (mãe, esposa, filhas e etc.), esse saber era uma das bases que fomentavam esse poder patriarcal, pois “a ideologia patriarcal e machista molda o jeito de ser e de pensar de homens e mulheres” (SANTOS, 2017, p. 14). O poder do homem sobre o feminino nos discursos materializados, principalmente nas quatro imagens, sequencialmente, pode mostrar que a mulher era destinada a realizar atividades que a reduzissem ao papel de figura doméstica. Os sentidos desses discursos (re)ativam espaços na memória, pois,

“Esse espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais [...]” (FERNANDES, 2005, p. 42)

De acordo com Fernandes (2005), enquanto condição de funcionamento discursivo, a memória necessita da coletividade dos sujeitos sociais para que assim os diferentes discursos possam surgir e venham evidenciar momentos históricos. Diante disso, um ponto que não poderíamos deixar de observar que envolve a representação coletiva dos sujeitos historicamente é que nas três imagens iniciais, as vestimentas dos personagens possuem uma semelhança bastante relevante, as cores e estampas são parecidas, resgatando vestígios de memórias que reforçam essa ideia de domínio do homem poder sobre a mulher, como se essas

características das roupas fossem algo que tenha significância específica com relação ao que o masculino considera como uma demarcação de poder “uma produção multiforme de relações de dominação, que são parcialmente integráveis a estratégias de conjunto” (FOUCAULT, 1977, p. 249).

Sobre esse poder, cabe aqui ressaltar o discurso apresentado nos balões representando a fala do personagem masculino, pois a forma como está escrito, em caixa alta, pode demonstrar a fala com uma tonalidade de grito, autoritarismo. Assim como o modo que ele se encontra sentado erguendo o braço e cerrando o punho, fatores estes que apontam algo comum e regular dentro do discurso machista. Essas circunstâncias corroboram com o pensamento de Fernandes (2005, p.42) sobre formação discursiva ao dizer que esta “não se limita a uma época apenas; em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, [...] sob novas condições de produção, [...] possibilitando outros efeitos de sentido”. A partir dessa formação discursiva que o homem representado impõe sua postura como superior há uma disposição das imagens representativas desse sujeito, ou melhor, do macho no *post*, que pode ocasionar interpretações que se concentram apenas nesse nível de repetição do discurso, como é o caso da figura representativa do homem que aparece em quase todas as imagens em posição de ordenamento, isso formado pelo jogo do imagético e pelo verbal, apresentando uma certa predominância nas materialidades discursivas, as quais podem desencadear na propagação do discurso machista.

Pudemos perceber que mesmo com as coerções sofridas, a partir da terceira imagem a mulher começa a demonstrar mudanças em sua postura, isso pode ser notado em suas expressões e/ou traços faciais, bem como na quarta imagem com o estilo do cabelo, a discrepância das vestimentas e a cor amarela. Por seu efeito ideal de visibilidade à distância e seu caráter penetrante quando visto de perto, “o amarelo foi eleito a cor internacional das advertências” (HELLER, 2013, p.164). Desse modo, as expressões faciais associadas ao amarelo do vestido causam efeitos de sentido que podem simbolizar atenção e reclamação do feminino sobre o tratamento machista. Já na quinta imagem, o poder do homem desencadeou na mulher uma atuação de resistência em que o punho cerrado se inverteu entre as figuras e apareceu na vestimenta “roxa” feminina como uma espécie de bandeira e/ou escudo que representa a luta feminista (HELLER, 2013) contra as práticas machistas na sociedade. Essa transformação, ou seja, singularização do sujeito

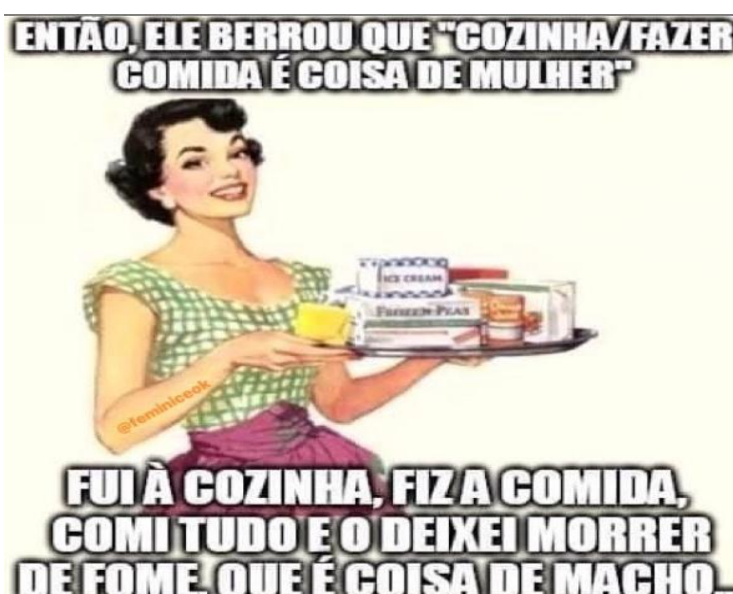
feminino fica clara, até mesmo, no percurso que, até então, ela fazia obrigatoriamente para se aproximar do macho e, conseqüentemente, a encorajou a virar a panela de comida sobre sua cabeça. Essa progressão entre as imagens representa a autonomia que, historicamente e por meio de lutas, o feminino buscou, e ainda busca, para confrontar a misoginia machista, um trajeto que representa a subjetivação do feminino perante o machismo.

Para adentrarmos um pouco mais nos modos de subjetivação feminina, no subtópico seguinte faremos uma análise de dois *posts* que remetem a essa subjetivação engendrados pelo saber e poder.

2.3 Entre o saber e o poder: a subjetivação feminina perante os discursos machistas

Através dos *posts* representados pelas Figuras 6 e 7, a seguir, analisaremos como ocorre a subjetivação feminina diante dos discursos machistas, assim como os segmentos saber e poder que o *Instagram*, enquanto instância do dispositivo midiático, utiliza nos discursos materializados em suas páginas.

Figura 6: Autonomia também é “coisa de mulher”!



Fonte: www.instagram.com

A postagem 6, retirada do perfil @feminceok e postada em abril de 2019, traz um enunciado verbal na parte superior que pode ter por função atribuir a mulher apenas atividades domésticas, as quais de certo modo, qualquer sujeito seja masculino ou feminino pode realizar, porém, a mesma postagem apresenta um enunciado produzido por uma mulher, que busca responder ao que, possivelmente, tenha sido dito por um homem, ou seja, a reverberação de um discurso machista. Percebemos que os elementos linguísticos formadores da materialidade discursiva servem para o feminino como estratégia que neutraliza os discursos machistas, isso pode ser visto a partir dos enunciados “Então, ele berrou que “cozinha/fazer comida é coisa de mulher”, o pronome pessoal “ele” pode nos mostrar que trata-se de uma enunciação que partiu em algum momento de um sujeito do sexo masculino. Além disso, o realce do espaço domiciliar “cozinha” e conseqüentemente o ato de cozinhar atribuído apenas à figura feminina denuncia o ato machista, um discurso que converge com outros discursos propagados nas postagens analisadas anteriormente.

Contudo, a representação da mulher se posiciona de uma maneira diferente a esse ato machista, apesar dela dizer que foi cozinhar, afirma que comeu tudo e deixou o homem, ou melhor, o “macho” morrer de fome. Desse modo, podemos dizer que essa (re)ação do sujeito feminino se torna visível dentro da instância midiática *Instagram*, assim também podemos perceber as linhas de subjetivação em torno do feminino nas postagens perante os discursos machistas (DELEUZE, 1996). A partir dessas materialidades e da dispersão do sujeito feminino podemos perceber que as lutas feministas obtiveram muitas conquistas, porém as mulheres ainda buscam seu espaço e direitos igualitários na sociedade, e em meio aos acontecimentos históricos, aos poucos deixam de se oprimir ao machismo e seus efeitos de sentidos mostrando, principalmente nas figuras aqui analisadas, sua capacidade enquanto sujeito que pode e tem autonomia de decidir suas atuações no meio social.

O sujeito autônomo busca se conhecer e identificar as diferentes formas que podem tornar quem ele pode ser e o que precisa para ser. Então, podemos pensar o midiático e suas instâncias, como o *Instagram*, enquanto dispositivo que atua na (re)significação dos sujeitos pelo meio digital dentro de uma virtualidade, um espaço virtual onde “a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo.” (LÉVY,

2011, p. 23), esses fatores são fundamentais para que o sujeito possa se constituir em conformidade com o modo de subjetivação.

O *post* em análise nos mostra ainda que há um jogo de discursos entre os sujeitos masculino e feminino, os quais duelam verbalmente em defesa de seu posicionamento e/ou opinião, mesmo que esses sejam preconceituosos e provoquem situações desconfortáveis para determinados sujeitos. Para que esse duelo discursivo fosse interpretado como forma de subjetivação do feminino foi necessário um entrelaçamento verbo-visual, um recurso bastante interessante na cultura digital que possibilita ao sujeito interpretações diferenciadas sobre determinados discursos que lhes foram atribuídos. Essa cultura digital faz com que os discursos sejam (re)formulados fazendo uso de estratégias que permitem a articulação entre diferentes linguagens (GREGOLIN, 2015), de forma que os sujeitos se relacionem pelos sentidos que se pode apreender neste meio virtual, fazendo com que plataformas como o *Instagram*, por exemplo, possibilitem o contato do sujeito com discursos como os apresentados nas materialidades das postagens que compõem o nosso *corpus*.

Em meio a essa cultura digital, as frentes dos movimentos feministas se mostram organizadas e muitos discursos surgiram encorajando a mulher a ocupar os espaços sociais que também são seus por direito, isso através do saber jurídico, por exemplo, que traz para a figura feminina conhecimentos que buscam equidade entre os gêneros e podem guiar suas condutas no meio social. Por essa razão, na análise da próxima postagem, trataremos dessas modificações do sujeito feminino por meio do dispositivo midiático *Instagram*.

Figura 7: A dona do que quiser!



Fonte: www.instagram.com

Já a Figura 7, retirada do perfil @motivosprafalar e postada em maio de 2019, assim como a Figura 6, analisada anteriormente, também apresenta um discurso machista que referencia a mulher apenas como dona de casa, vinculada aos serviços domésticos. Um discurso que se perpetuou historicamente trazendo memórias do patriarcado, uma prática machista impositiva que regia a figura feminina e seus modos de vida. No entanto, como é visível na parte inferior da figura em análise, o enunciado que representa o discurso feminino é marcado por sentidos diferentes do termo “*Dona*”. Assim, cabe ressaltar a autonomia que o feminino busca mostrar pelo enunciado, confrontando o discurso machista que tentou atribuir a mulher apenas a função de dona de casa e/ou doméstica. A representação da figura feminina se pronuncia e se posiciona como dona da casa enquanto proprietária, posição bem diferente que o feminino ocupa para enfrentar o discurso do sujeito machista, uma estratégia utilizada pelo midiático como forma de propagação de um efeito de transformação do feminino sobre si (FOUCAULT, 2006), ou seja, do modo de subjetivação diante de discursos machistas.

Como pudemos notar em nossa análise, especificamente nas Figuras 6 e 7, onde a subjetivação do sujeito feminino é explícita, pois, são as únicas figuras de nossa análise em que a imagem representativa do sujeito masculino não aparece, nesse caso, percebemos que o discurso que representa o feminino é tomado de

poder dentro do *Instagram*, enquanto instância do dispositivo midiático, situando a dinâmica das linhas que atuam no dispositivo (linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação) (DELEUZE, 1996).

Em se tratando de saber, poder e subjetividade a partir desses *posts*, podemos perceber que ocorre a subjetivação do feminino, uma vez que as ações e/ou práticas como as expressões faciais e as posturas das figuras que representam a mulher, por exemplo, atuam como linhas do dispositivo. Pensando nestas linhas “por todos os lados, há emaranhados que é preciso desmesclar: produções de subjetividade escapam dos poderes e dos saberes de um dispositivo para colocar-se sob os poderes e os saberes de outro, em outras formas ainda por nascer.” (DELEUZE, 1996, p. 158). Dessa forma, são explicitados a força e o poder do discurso feminino embasados pelos saberes sociológicos e discutidos por mulheres nos diversos espaços sociais, principalmente nas universidades, como um dos espaços onde são (re)tomadas discussões que fazem (re)surgir discursos que circulam dentro da luta feminista. (CIPRIANI, 2017).

Por meio dos *posts* analisados vimos que os discursos apresentados no *Instagram*, fazem uso de estratégias linguístico-discursivas que mostram o sujeito em diferentes posições nas relações sociais, de forma que os atravessamentos históricos que o atingem possam ser (re)tomados discursivamente pela memória, relacionando-o a uma dinâmica que formata os dizeres existentes em uma formação discursiva e por um jogo de discursos que permite interligar os segmentos saber, poder e subjetividade em torno do sujeito feminino explicitados no *Instagram*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Instagram*, enquanto instância do dispositivo midiático pode contribuir para evidenciar o sujeito mulher e propagar a subjetivação do feminino perante os discursos machistas em seus *posts*. Entretanto, a representatividade do machismo e seus discursos nas postagens, de certa forma, influenciam para que o feminino se apresente como resistência e se subjetive perante os discursos do macho opressor. Partindo por essa linha de pensamento, as plataformas digitais podem ser bastante significativas nesta luta feminista por espaços e direitos igualitários, já que por meio dos *posts* a mulher pode expressar seus desejos e vontades e ainda pode ser apoiada por outros sujeitos na sociedade.

Diante disso, pudemos compreender por meio dos *posts* analisados que os discursos machistas que circundam no *Instagram* são marcas dos sujeitos que ainda carregam posições e/ou culturas tradicionalistas que visam a figura feminina como ser materno e do lar, ou seja, alguém que não tem capacidade de exercer funções fora de sua casa. Esse pensamento machista de parte da sociedade masculina, automaticamente, exige que o feminino se mostre subjetivo em relação a sua representatividade.

Concebendo o *Instagram* como um cenário que impulsiona as transformações que entrecruzam o sujeito feminino neste percurso de luta, nossa pesquisa buscou compreender como ocorrem os modos de subjetivação do sujeito feminino perante os discursos machistas, bem como as estratégias linguístico-discursivas e os recursos que o feminino utiliza para se posicionar diante dos discursos machistas em alguns *posts* dessa plataforma digital, o que nos leva em seguida a condensar nesta discussão os resultados alcançados.

Inicialmente, por intermédio das análises pudemos perceber que o dispositivo midiático pode contribuir expressivamente para as lutas feministas, pois a associação das curvas de visibilidade com as curvas de enunciação evidencia através da materialidade discursiva o visível e o dizível, como ocorre nas postagens analisadas por meio das ações e/ou gestos das personagens femininas que representam a figura da mulher, as quais mostram as transformações que a atravessam e a subjetivam, de forma que singularizam esse sujeito feminino. Por conseguinte, quando nos referimos ao poder, saber e subjetividade dentro desses *posts*, notamos que essa subjetivação do feminino também se dá por meio dos

saberes adquiridos pelas mulheres de espaços sociais diferentes que (re)tomam discussões que corroboram para o (re)surgimento de discursos sobre as lutas feministas.

Como consequência das análises dos *posts*, observamos que os discursos apresentados no *Instagram* utilizam-se de estratégias linguístico-discursivas, as quais revelam o sujeito em diferentes ângulos de sua representação social, (re)tomando os atravessamentos históricos que de forma discursiva preenchem sua memória, relacionando-os aos dizeres de sua memória discursiva e dinamizando os discursos que interligam saber, poder e subjetividade do sujeito feminino.

Partindo desse pressuposto, percebemos que o *Instagram* pode ser considerado como uma opção de acesso pública e imediata para a propagação da subjetivação do feminino diante dos discursos machistas, uma vez que essas plataformas midiáticas estão a cada dia mais presentes no dia a dia do sujeito. Com isso, podemos dizer que através desse processo de subjetivação feminina que engloba o uso da instância midiática *Instagram* pode reverberar discursos fora do virtual e gerar micro lutas no meio social.

Isso posto, diante da abrangência documental e descritiva-exploratória desta pesquisa, consideramos que a nossa busca sobre a subjetivação do feminino deve ser estendida em demais observações, tendo em vista que há outras possibilidades de estudos a serem analisados. Assim, esperamos que esta investigação sirva de base para que novos estudos sobre a temática aqui discutida possam ser desenvolvidos e contribuir cada vez mais para se compreender as urgências em torno da figura feminina.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. **Outra travessia**, n. 5, 2005, p. 9-16. Tradução de: NilcéiaValdati.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do "falo"**: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ASSIS, Edjane Gomes de. Entre linguagem e história: a Análise do Discurso francesa. In: **O dever da memória no discurso midiático**. São Carlos-SP: Pedro e João Editores, 2015, p. 27-112.

BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra. A primavera feminista brasileira e a resistência das mulheres atuantes no meio jurídico. In: GOSTINSKI, Aline; MARTINS, Fernanda. **Estudos Feministas por um Direito menos Machista**. Florianópolis: Empório do Direito, 2017. p. 116-134.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

CIPRIANI, Marcelli. Feminismos, transexuais, direito à existência. In: GOSTINSKI, Aline; MARTINS, Fernanda. **Estudos Feministas por um Direito menos Machista**. Florianópolis: Empório do Direito, 2017. p. 135-154.

COULOMB-GULLY, Marlene. Gênero, política e análise do discurso das mídias. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. **Presença de Foucault na análise do discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COURTINE, Jean-jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: **O mistério de Ariana**. Lisboa: Ed. Vega, 1996. p. 155-161. Tradução e prefácio de: Edmundo Cordeiro. Disponível em: http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo. Acesso em: 26ago. 2019.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Foucault: Estratégia, Poder – Saber**. 2ª ed. Paris: Forense

Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Sujeito e poder**. In: DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GONZAGA, Juliane de Araujo. **Novo feminismo: acontecimento e insurreição de saberes nas mídias digitais**. 2018. 393 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara-SP, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: Beth Brait. (Org.). **Bakhtin. Outros conceitos-chave**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2006, v. 1, p. 33-52.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB. In: FLORES, G.G.; NECKEL, N.R.F.; GALLO, S.M.L. (org). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes, 2015, p. 191-213.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p.11-25, nov. 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J.B. (org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: UFU, 2003. p. 1-14pdf.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Branca de neve. In: MACHADO, Ana Maria; BORGES, Maria Luiza Xavier de Almeida. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 129-144.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. 2. ed. São Paulo: Editora 34. Tradução de: Paulo Neves. 2011.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação e Realidade**, v. 29, n. 01, , p. 199-213, Jan/jun. 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25426>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

MILANEZ, Nilton. **As aventuras do corpo**: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. Araraquara–SP, 2016.

OTTO, Isabella. **A história real da famosa pin-up do cartaz ‘We Can Do It!’**. 2018. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/a-historia-real-da-famosa-pin-up-do-cartaz-we-can-do-it/>>. Acesso em: 1 set. 2018.

PAVEAU, Marie-Anne. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 137-161, dez. 2013.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. Pêcheux, Foucault e Bakhtin:: convergências e divergências no campo da análise do discurso. In: ARANHA, Simone Dália de Gusmão; PEREIRA, Tânia Maria Augusto; ALMEIDA, Maria de Lurdes Leandro. **Gêneros e Linguagens**:: diálogos abertos. João Pessoa: Editora Universitária da Ufpb, 2009. p. 83-94.

PERRAULT, Charles. Cinderela ou O sapatinho de vidro. In: MACHADO, Ana Maria; BORGES, Maria Luiza Xavier de Almeida. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 19-31.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

TOMÁS, Adelino Esteves. **A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**: Um estudo de caso nas cidades de Maxixe e de Nampula. 2016. 305 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2016.

PÁGINAS ACESSADAS

@motivosprafalar. **Figura 1:** Independência ou independência!. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BvpYZN7H31D/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

@motivosprafalar. **Figura 2:** Fala com os meus dedos!. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bx3BXsCHhAM/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

@feminiceok. **Figura 3:** Arregace as mangas e encontre-se!. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BxH-JKIH3e/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 4: 'We Can Do It!'. 2018. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/a-historia-real-da-famosa-pin-up-do-cartaz-we-can-do-it/>>. Acesso em: 1 set. 2018.

@motivosprafalar. **Figura 5:** Também posso e devo cerrar o punho!. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BxbSg9wHGuO/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

@feminiceok. **Figura 6:** Autonomia também é “coisa de mulher”!. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bw1--DYHyBO/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

@feminiceok. **Figura 7:** A dona do que quiser!. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BxSV7EtH4Xj/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

WAKKA, Wagner. **Instagram bate marca de 1 milhão de usuários ativos.** 2018. <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.